

Unhas, para que vos quero



JÚLIA PINHEIRO

Quando as vejo, morro de inveja. Longas, bonitas e brilhantes. E dantes bastava assim. Em tempos, bastava olhar para as mãos de uma mulher e quase que poderíamos proferir um diagnóstico sobre o seu bilhete de identidade. E não me refiro a ornamentos, a anéis ou afins. O código da sua vida estava na forma como apresentava as suas unhas. Mão pouco cuidada, unha curta, ausência de verniz, denunciava uma vida de trabalho intenso, ausência de vaidade ou uma modéstia simples. Unhas longas, redondas na ponta, um ligeiro brilho para reflectir o conforto do lar, prenunciava um estilo de vida sensato, existências acima da média que davam muito ênfase à classe e ao estilo bem comportado. Finalmente, as mãos que exibiam unhas longas, carregadas de um vermelho gritante ou provocador, revelavam o carácter das rebeldes, das mulheres com estilos de vida alternativos, as artistas do teatro ou do cinema, mulheres fora da moldura, unhas de vampira porque sugavam a imaginação dos homens. Mas isto é o passado. Hoje, as unhas já não dizem nada. A unha foi tomada pela moda, industrializou-se e veste qualquer indumentária. Eu não resisto e volto lá sempre. Uma mulher senta-se à minha frente e lá vou eu. Fixo as mãos à procura dos sinais e já não consigo agarrar a personalidade da sua proprietária. Já conheci mulheres tímidas com unhas longas, bem quadradas na ponta, com um tom de vermelho escuro gritante, unhas que dizem: olhem para mim. Mas a dona desta mão tem a atitude contrária. Vive discreta, calada e passiva. Mas existe qualquer coisa na sua personalidade que diz: vou ousar e romper o padrão. E quase é possível concluir que aquelas unhas indicam um conflito interior.

PEDRO FERREIRA

Existe qualquer coisa na sua personalidade que diz: vou ousar e romper o padrão. E quase é possível concluir que aquelas unhas indicam um conflito interior.

Depois, temos as outras, as exuberantes e marcantes que mostram uma feminilidade feroz, unha grande predadora, num tom escuro e audaz. A extremidade da unha, estruturada e firme, serve para bater os compassos da vida nas mesas de trabalho, no tampo da secretária ou para indicar ao namorado que está impaciente. Esta mulher não gosta de esperar, tem a mania que é decidida. Mas é inconstante. Para a semana, as mãos podem ter uma configuração completamente diferente porque hoje o estilo faz-se da diversidade e não da continuidade.

Para tudo isto, para tanto *statement*, é necessário trabalho, paciência e muita disponibilidade. Uma

sessão nas mãos de uma especialista implica deslocações, conhecimento e um perfeito controlo sobre os *timings* de manutenção das extremidades da mão. Depois, é preciso estudo. Existem unhas verdadeiras e falsas, de gel ou cerâmica, plástico e resina, e de certeza que não enumearei todas as possibilidades.

No final da pirâmide dos unguados, sobram as mulheres como eu. As minhas unhas são a desgraça das manicures,

sempre desalinhasadas, sem estilo ou preocupação. Quebram-se com o vento, desfazem-se nos embates da minha vida diária. Se acreditasse que o amor ou as oportunidades da vida chegariam pelo código da unha, eu seria uma deserddada pela vida.

No final, deixo a pergunta: porque nos damos então a tanto trabalho? Para os homens? Para as outras mulheres? A resposta é sempre a mesma quando se aflora o manual das preocupações femininas. Queremos impressionar as outras fêmeas, mostrar que somos capazes de arranhar se for preciso. ●